

Invenções analíticas

Ricardo Gomides,¹ São Paulo

Resumo: Este trabalho parte do atendimento de um paciente não neurótico, um paciente difícil, que, em função de seu quadro clínico marcado por atuações agressivas, exigiu tornar mais flexível o setting analítico padrão. O interesse maior está em descrever os manejos clínicos efetuados, bem como as dúvidas, fragilidades e criações surgidas ao longo dos anos trabalhados. A atenção a gestos mínimos de vitalidade psíquica, a sobrevivência à transferência agressiva, bem como o humor e a salutar passagem dos jogos à capacidade de brincar constituíram recursos necessários para a condução do caso e a manutenção de um vínculo capaz de inventar novas formas de conter a destrutividade. Por fim, salienta-se como a clínica de casos graves termina por ampliar nossas possibilidades de trabalho, auxiliando na formação de analistas criativos, orientados metodologicamente e comprometidos com seus pacientes.

Palavras-chave: pacientes não neuróticos, casos-limite, manejo clínico

Anos atrás recebi o encaminhamento de um “paciente difícil”. Hoje o nomearíamos como um paciente de difícil acesso, próximo aos estados-limite ou não neurótico. Alguém cujas características de sofrimento demonstram uma precária constituição do Eu, insuficiente função simbolizante, constantes passagens ao ato, além de identificações superegoicas arcaicas e tirânicas (Minerbo, 2009).

Essa compreensão teórica faria jus ao adolescente de 13 ou 14 anos que recebi, vindo de algumas infrutíferas tentativas de psicoterapia. Sua agressividade assaltava os vínculos com terapeutas, familiares e colegas de escola. Não tinha amigos. A permanência em qualquer ambiente era tumultuada, repetindo-se expulsões de consultórios, colégios, festas no prédio onde morava ou salas de aula. Ninguém o queria por perto, e os pais temiam que ele pudesse ferir gravemente alguém ou a si mesmo.

1 Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutor em Psicologia pelo IP-USP.

Pensar no tema do “analista possível” trouxe à tona os três anos de tratamento que consegui oferecer a esse garoto, e hoje, após reler o extenso material registrado nesse período, reconheço o quanto ele exigiu uma ampliação de minhas capacidades, flexibilizando o setting habitual em prol do compromisso analítico de melhorar sua condição psíquica.

Meu foco de trabalho aqui será o analista fazendo o possível para oferecer um espaço de cuidado, pensamento e contorno àquele paciente, enquanto também buscava manter vivo seu enquadre analítico interno (Green, 2008), sua criatividade, sua capacidade de brincar e seu interesse no destino daquela pessoa. Não vou apresentar um histórico detalhado do caso, mas cenas que permitam acompanhar o pensamento clínico sustentando *ações analíticas* em vez de interpretações ou elucidações verbais do quadro clínico.

Ao final, se tudo der certo, o leitor terá encontrado manejos e invenções que se mostraram necessários à condução do caso. Tal como acontece a todos os colegas que se defrontam com pacientes de difícil acesso, precisei reduzir os imperativos técnicos de caráter superegoicos quando estes tinham efeitos potencialmente inibidores. A longo prazo isto se mostrou benéfico em minha formação profissional. Inventar soluções, valorizar pequenos sinais de vitalidade, divertir-se, sobreviver e, essencialmente, manter-se analiticamente comprometido com o tratamento aumentaram minhas possibilidades de trabalho naquele caso e nos outros que viriam.

O terror que não assusta

Chamarei meu paciente de Antônio.² Após a primeira entrevista com os pais, fico sabendo de seu histórico de agressões, expulsões e fascínio por armas. As fantasias trazidas por eles eram as piores possíveis: seria um futuro terrorista? Provocaria algum ato de extrema violência na escola? Alguém estaria seguro ao seu lado?

Inteligente como era, Antônio já tinha entendido o poder adquirido em provocar medo nos outros. Ninguém ousava enfrentá-lo ou lhe pôr limites temendo reações violentas. Marion Minerbo (2009) descreve como as explosões de ódio dos pacientes não neuróticos visam proteger a integridade narcísica ameaçada pela presença do outro percebido sem matizações

2 Além do nome fictício, outros dados foram alterados visando resguardar o sigilo exigido em nossa prática analítica. Além disso, essa comunicação ocorre muitos anos após finalizado o atendimento.

amorosas. No seu caso, a frequência dos acessos de raiva fez com que até mesmo as expulsões escolares fossem disfarçadas pelos colégios: após advertências e suspensões, as instituições recusavam sua matrícula para o ano seguinte, evitando assim maiores revoltas durante o período letivo. Aguentava-se um ano, e, nas férias, diziam que ele não seria mais aceito, produzindo confusão no paciente, que só muito tempo depois compreendeu essa forma branda de expulsão. Quando iniciamos, uma sequência de desligamentos escolares já tinha ocorrido.

Quando chega para atendimento, vejo um rapaz franzino e, sim, muito interessado em armas. Enquanto falava, ele fazia gestos e sons de quem carrega e dispara uma pistola para todos os lados. Pergunto em quem ou no quê estava atirando, e não era em ninguém em especial. Fico interessado e pergunto pela arma imaginária que estava usando, pedindo para ele compartilhar seu universo mental. Ele se levanta e passa a encenar como carregaria a metralhadora para matar pessoas, efetuando o que Roussillon (2013, p. 67) sugere recebermos como uma “associatividade dos atos, dos gestos, das mímicas, das posturas” endereçada ao analista.

Antônio fica muito eloquente enquanto fala e age, movendo-se pela sala como quem estava em um campo de batalha ou em uma cena de teatro. É esse o sentido que capto: eu via a cena enquanto encenação, não como terror. Em nosso primeiro encontro ele não me assustava. Que metralhadora era aquela, que ele recarregava daquela forma, inserindo o que parecia ser um cinto de balas? A do Rambo! Sim, passamos a falar do desempenho extraordinário desse herói que mata centenas de pessoas em seus filmes. Do Rambo, chegamos a Chuck Norris e outros atores-personagens cujas cenas são marcadas por violência e fantasia. Como outros adolescentes, ele repetia as hipóteses mirabolantes sobre a força extraordinária de Chuck Norris e seu poder de curar o câncer com uma lágrima, caso chorasse. Uma pena que isso nunca ocorrera, dizia em tom risonho.

Em muitas sessões tivemos encenações desse tipo, evocando e misturando diversos filmes, séries e desenhos animados. Diante de mim, outro traço de sua personalidade era apresentado: uma poderosa imaginação. Quando eu disse isso a ele, seu retorno fora de que eu deveria morrer, porque sabia demais. Então, encena me dar um tiro na cabeça.

Também ficou claro como essa imaginação, marcada por repertórios de violência e morte, incorporava-se ao seu poder de assustar os outros, criando uma espécie de “exoesqueleto” defensivo que o mostrava indiferente

aos outros e capaz de qualquer ato violento – bem aos moldes da armadura do personagem Homem de Ferro, filme a que ele tinha assistido e comentado. O problema era que a armadura, de tanto usada, já encobria o menino. Com isso, no lugar de mostrar seu rosto humano e a fragilidade de sua condição narcísica, o acesso imediato à raiva disparava chutes antes de qualquer palavra. Em certas situações, vê-lo desorganizado pelo ódio aos colegas, incapaz de integrar consequências e atos próprios, produzia um sentimento de revolta e injustiça sem limites. Nesses momentos Antônio produzia medo também em mim, e isso requeria tenacidade para tentar “fazê-lo” falar, aceitando a destrutividade imaginária como elemento integrador das pulsões desorganizadas quando estas eram encaminhadas pela via associativa a um solo comum de referências. Lembrar um filme e, com isso, fazer o terror disforme repousar em um personagem trazia alívio. Quando conseguia desenhar uma história, por mais violenta que fosse, surgiam formas possíveis de apaziguar o ódio, encaminhando-o a outras vias não atuadas.

Escutá-lo em sua dimensão cênica também fez com que eu ouvisse um rap cujas rimas eram nomes de armas. Besta, Beretta e escopeta formam música! Ele desenhava armas brancas e explosivas de vários tipos e, quando contava quais eram, tive a impressão de surgir uma rima. Falei isso a ele enquanto eu desenhava uma nota musical ao lado das armas. Armas que disparam música. Antônio disse que eu não sabia de nada. Desenhou outras notas e me contou a história de rappers americanos e brasileiros com seus históricos de pobreza, proximidade do tráfico e convívio com armas. Ele conhecia bem Sabotage e Fifty Cent, compartilhando seu conhecimento comigo.

No entanto, a repetição temática também se fazia cansativa e pouco produtiva. Eu me indagava a respeito do caminho que tomávamos ao escutar seguidamente como sua mochila não esvaziava. Nas sessões após o horário de aula, o enorme peso que carregava nas costas não era de cadernos ou livros, mas sim de granadas, fuzis, facas e munição. Antônio sentia-se injustiçado na escola, preterido em favor de outros alunos, incompreendido pelos colegas e vítima de preconceito por parte dos professores que conheciam seu histórico escolar. A vingança viria, dizia, fortalecendo sua armadura de raiva. Acredito que muitas das armas imaginárias ganhavam corpo nas sessões, e o alvo recaía sobre o depositário transferencial ali presente.

Felizmente essa armadura teórica, a transferência, nos faz entender a raiva como não dirigida pessoalmente a nós, e Winnicott (2000) deu elasticidade a esse recurso, incorporando a contenção do ódio contratransferencial

pertinente na clínica de pacientes graves. Infelizmente essa armadura não protege quando jogamos futebol com o enfurecido garoto que acaba de sair da escola, tornando o ódio tangível e sua necessidade de contenção algo imediato. Assim, ainda que não me assustar inicialmente tenha poupado Antônio de ser reduzido à sua faceta terrificante, tendo sido este um passo essencial no início dos atendimentos, isso não poupou o vínculo de intensidades agressivas de difícil elaboração e manejo.

Narrar

Naquele período minha sala tinha dois espaços contíguos para atendimento. Para chegarmos à sala de adultos, com poltronas e divã, passávamos antes pela sala de crianças, com vários brinquedos dispostos ali, assim como mesinha e cadeiras.

Em algumas sessões o paciente levou um skate de dedo para o consultório, demonstrando suas manobras pelo mobiliário da sala infantil. Começamos a ocupar mais aquele espaço. Percebi a necessidade dele de ser reconhecido por sua habilidade muito superior à minha quando eu tentava fazer aquele skate minúsculo obedecer aos meus comandos. Sentindo-se grandioso, pedia meu olhar e se exibia. Ofereci algo a mais e passei a narrar apresentações do skatista Antônio na megarrampa do braço de uma poltrona. De repente, como Winnicott (1975) nos ensinou a ver, o rosto que oferece reconhecimento pode ter, na voz, no tom e no ânimo com que falamos, alguns de seus componentes reflexivos e vitalizantes. Além disso, produzir essa modalidade de contato é também criar e compartilhar com o paciente uma terceira área de experiência, fazendo com que estivéssemos ao mesmo tempo em minha sala e nas arenas de um parque de skate profissional.

O rosto que devolve a humanidade ao outro também pode espelhar anseios ainda não refletidos. Antônio gostaria de ser visto como alguém especial, e, de certa forma, o terror tinha sido seu meio de acesso a esse olhar. O problema, pensei sem falar, era a fixação surgida em seus erros e transgressões de tal modo, que uma alienação dupla surgia. Ele só sabia expressar violência, e quem estava ao seu lado, além de remarcar qualquer erro, ainda o perdia de vista amedrontando-se e antecipando futuras tragédias. Narrar de modo exagerado, como um locutor empolgado com a exibição de um atleta de alto desempenho, fez com que Antônio permanecesse um pouco mais nesse lugar criado no encontro analítico. Um outro Eu recém-surgido,

evanescente, mas real, somava-se, graças à terceira área de experiência, ao seu repertório identitário um tanto pobre.

Instantes lúdicos e criativos como esses ocorriam esporadicamente, sendo interrompidos bruscamente por Antônio se algo desfizesse o registro de grandiosidade requerido. Uma queda, um erro dele ou meu produziam uma desilusão imediata, fazendo com que despencássemos do alto desempenho esportivo para a mediocridade de uma sala de atendimento. Um atendimento que ele desprezava e não tinha qualquer resultado. Muito rapidamente ele passava a desqualificar o porquê de estar ali, não necessitando qualquer tratamento. Aprender com a experiência, tolerar frustrações e não sentir o erro como ameaça narcísica ainda exigia um longo caminho a ser narrado, vivido e compartilhado.

Construir, destruir, permanecer

Antônio fazia duas sessões semanais e um dia ele encontrou um brinquedo da infância: “Pequeno Engenheiro”, aquele jogo com blocos de madeira que permitem construir uma cidade de tijolos vermelhos, repleta de pontes, torres e relógios triangulares. A primeira obra feita foi logo destruída por um sopro de grande força. Outra ainda maior surgiu e foi em seguida posta ao chão. Eu o ajudava, desafiando e propondo que fizéssemos a maior construção possível. Ele aceitou e reuniu peças de outros jogos, até conseguir pôr de pé uma torre de 14 andares, passando de pequeno para médio engenheiro, disse. Um carrinho agora foi utilizado para derrubar a construção. O movimento se repetia: construir e destruir. Nada permanecia, e isto me incomodava, já que na transferência eu tinha experimentado o mesmo destino daquelas edificações.

Fizemos uma construção ainda maior, digna de um grande engenheiro: um shopping com torre de 19 andares. A destruição viria logo a seguir, e eu disse que iria filmá-la, como naquelas situações em que a implosão de um prédio torna-se matéria de cuidado e registro. Uma destruição cinematográfica, sugeri. Outras peças foram incorporadas ao jogo, e Antônio distribuiu cargas de TNT, plutônio e C4 pelas bases de sua grande obra.

O interessante foi que, para destruí-la direito e manter seu registro gravado, aquela obra durava muito mais do que todas as outras. Paradoxalmente, precisávamos cuidar zelosamente do que iríamos destruir. Como só tínhamos o meu celular disponível naquele dia, era necessário pensar na

força aplicada, pois as peças não poderiam voar para fora do campo de filmagem. Queríamos um registro bem-feito e, pelo horário, tínhamos apenas uma chance.

Quando toda a obra estava pronta e a cena montada, Antônio pediu-me que tirasse fotos dele com o prédio pronto para destruição. Um fato inédito, ele deitou perto das peças para ter seu rosto registrado ao lado da obra. Seu olhar era de orgulho. Fiz a gravação, e o carrinho atingiu o shopping com a força adequada, disparando os explosivos lúdicos que inundaram seu rosto de alegria. Ele viu e reviu a cena algumas vezes, pedindo-me que guardasse com cuidado a filmagem, não apagasse de jeito nenhum. Terminamos o atendimento, e me senti como detentor ou protetor de algo valioso que ele deixava sob minha guarda.

Tínhamos achado a dosagem entre potência destrutiva e registro permanente do que era impactado e desmontado. Não me lembro de termos brincado novamente com aquelas peças, e talvez isso fosse mesmo desnecessário, já que o pequeno engenheiro tinha feito sua grande construção, transformando a repetição destrutiva em obra compartilhada e compartilhável.

Na sessão seguinte, o paciente levou seu celular e pediu o meu para os emparelhar via Bluetooth. Em uma cena que jamais esquecerei, Antônio sincronizou a transmissão de dados posicionando os dois celulares colados um ao outro e deitados no divã. Claro que esse gesto não era necessário, sob a lógica da comunicação eletrônica, mas quem disse que a lógica emocional, com seus disfarces e inconscientes, não tem protocolos?

Sincronizar telefones e psiquismos, compartilhando criações e memórias, requer diminuir o nível de segurança e defesa contra invasões. Requer confiança, tempo, redução das barreiras de contato e uma certa cerimônia bem fornecida pelo setting. Foram muitas sessões até aquele instante de proximidade em que algo pudesse concretamente passar à condição de fato memorável. Algo de valor estético, curativo, compartilhável passou a existir e estar em sua posse. Naquele instante, o recurso à câmera do celular prestou um serviço analítico.

A violência de quem não sabe brincar

Antônio gostava de futebol e jogamos partidas e mais partidas ao longo de incontáveis sessões. A redundância acima enuncia a repetição contida nesses dias em que ele dizia claramente não desejar falar nada, apenas jogar.

Era uma forma de resistência ao tratamento que tem na história verbalizada seu fio condutor. Ou, ao mesmo tempo, como toda resistência, era também a forma possível de realizarmos seu tratamento, aceitando o peso transferencial de vida ou morte depositado naquelas partidas.

Os relatos de sessões desse período estão marcados pela dificuldade de vínculo, cansaço, desesperança com o tratamento, tristeza em ser objeto de ataques violentos, raiva e dúvidas sobre o valor de meu trabalho. Iniciei vários relatos dizendo como o atendimento do dia tinha sido difícil. Em algumas ocasiões anotei a vontade de desmarcar a segunda sessão da semana, mas não fiz isso, temendo recorrer outras vezes a esse dispositivo – o que talvez levasse à minha desistência do caso. É bom reconhecermos a fragilidade que experimentamos, mantendo aberta a possibilidade de renunciarmos a certos pacientes, pois isto nos retira do imperativo do dever e nos situa na humana escolha por continuar, caso desejemos e nos sintamos ainda aptos.

Antônio, que dizia ir às sessões obrigado pelos pais, não faltava e não se atrasava. Não raro, pouco depois de entrar afirmava que terapias eram desperdício de tempo e dinheiro. Desqualificações verbais como essa repetiam-se nos jogos. Nenhum gol ou defesa minha eram bons. Jogávamos uma espécie de atacante versus goleiro em que a rebatida da bola permitia ao goleiro sair de sua área para jogar com os pés, tentando recuperar a bola; caso a levasse para a área, poderia utilizar as mãos ali.

Quando eu fazia um gol ou segurava a bola, no máximo, eram sorte minha ou descuidos dele, enquanto suas ações precisavam ser vividas como excelentes, o que demonstrava o empenho narcísico naqueles jogos. Ao contrário do skate de dedo, no futebol eu não narrava as partidas. Ganhar ou perder era questão de vida ou morte em que o vencedor era exaltado (ele) e o perdedor execrado (eu).

A intensidade dessa luta levava Antônio a tentar continuamente burlar as regras, reinventando o que fosse conveniente a cada momento, sem qualquer coerência. Estabelecer combinados válidos para os dois jogadores consumia tempo e era necessária insistência minha para dialogarmos. Com grande esforço inventamos meios de resolver os impasses sobre uma bola dentro ou fora, pênalti ou falta.

Quando as negociações emperravam, ou seja, quando ele não aceitava ter sua demanda negada e eu não prosseguia com o jogo, resolvíamos com par ou ímpar. O uso da razão não era recurso suficiente. Ainda assim, caso eu ganhasse o par ou ímpar, ele solicitava uma melhor de três para decidir,

claro. No joquempô inventamos outras variantes, acrescentando lava, pá, fogo, água e martelo aos conhecidos pedra, papel e tesoura. Cabe dizer que essas invenções eram contrabalanços criativos à postura ditatorial do nosso adversário e, não raro, nos divertíamos mais com essas invenções do que com a partida em si. Joquempô com tantas opções não é fácil, e o absurdo da mão ser lava ou papel dependiam da velocidade do outro em transformar sua pedra em martelo, tornando os resultados arbitrários, engraçados e nem sempre lógicos.

Certa vez criamos nosso tribunal esportivo, e foi brincadeira séria reproduzirmos um júri para decidirmos sobre a falta cometida por mim. Foram duas sessões em que testemunhas, advogados e promotores foram vividos arduamente por nós. Ao final, o juiz Antônio decidiu pela culpa do meu jogador, Ronaldo Fenômeno, suspendendo-o por três meses longe dos nossos gramados. Zidane entrou em seu lugar, e os jogos retornaram, protegidos por uma instância superior capaz de resolver os grandes conflitos.

Somente depois percebi a importância de termos construído essa hierarquia de soluções. Saímos do recurso à sorte e chegamos ao nosso júri da FIFA, sabendo que ali pontos de vista contrários seriam longamente expostos, replays da jogada polêmica seriam feitos, e não desistiríamos de convencer o outro da nossa certeza. Utilizar esse recurso último demandaria sessões, sabíamos disso, pois tudo em nosso vínculo sempre crescia em complexidade, e esse movimento, por si só, já denotava ganhos vitalizantes em dupla.

Algumas vezes acredito que eu entrava em uma forma contrária de loucura defensiva, insistindo na justiça tanto quanto Antônio na injustiça. Por um lado, produzia-se desgaste. Por outro, surgiam contato, palavras, alguma invenção e o reconhecimento necessário de que não existe neutralidade analítica em casos-limite. Ainda que as decisões permanecessem um tanto autoritárias e quase sempre favoráveis a Antônio, criamos meios de negociação e escuta progressivos, tornando a convivência nos jogos mais ordeira ao longo dos meses.

Ordeira não significa pacífica. Os jogos tinham um empenho físico excessivo do paciente, disputando as bolas de um jeito peculiar quando estávamos nos cantos da sala. Notei o quanto ele buscava contato físico comigo, nem sempre para me machucar, não exclusivamente para me derrotar, mas para se encontrar com o corpo de um homem adulto, próximo e caloroso a ele, apto o suficiente para não confundir as línguas (Ferenczi, 1992). Não cabia entendermos como apelo sexual ou ação puramente destrutiva

os choques existentes. Naqueles encontros escutei um pedido desgovernado de carinho.

Tal como duas pessoas em uma eterna queda de braço podem ter nessa forma o único jeito possível de se darem as mãos, também o paciente trombava para disputar uma bola e permanecer próximo a mim, grudado. A disputa era sua forma de encontro. Entendi isso e deixei de dar maior atenção aos pés e pernas para ver o esforço em misturar-se comigo. Algo estranho, intuí uma busca por fusionamento, como se o desespero corporal enunciasse a vontade de entrar dentro de mim, encontrando ali uma acolhida definitiva.

Cheguei a essa compreensão após dizer a ele que nosso jogo parecia rúgbi, tal a intensidade dos choques atrás de uma bola. Do rúgbi associei o rug com *to hug*, abraçar. Dizendo assim parece algo intelectual, mas foi tão imediato quanto isso: espremido por Antônio eu disse que aquilo mais parecia rúgbi, *hug*, abraçar, e já o abracei. Uma sequência de ato, pensamento e ato analítico sem intervalo. Ele queria me abraçar, não disputar a bola presa e fazer gols. A partida poderia muito bem terminar zero a zero, caso eu não resolvesse ganhar para ele a disputa analítica e escutá-lo em seu pedido desesperado e corporal por um abraço.

Fiz isso, esquecendo a bola e abraçando meu aguerrido paciente. Inteligente como só, o juiz em causa própria disse que aquilo era uma falta e me deu cartão amarelo, reiniciando o jogo. No primeiro lance lá estava a bola novamente no canto da parede, onde poderia reencenar o pedido, a falta. Novo abraço, novo cartão amarelo, novo reinício, cada vez com menor intensidade dramática, menor carga física e segundos a mais de contato. Ao contrário de outras situações, a soma de cartões amarelos não gerou minha expulsão – que isso fique bem claro. Sua falta emocional foi marcada com a reencenação de seu pedido de cura pelo contato. Atuando na transferência, cuidar dessa falta era abraçar quem não era mais um adversário, mas um jovem que se fazia criança e solicitava carinho antes de qualquer interpretação.

Como bem diferenciou Tales Ab'Sáber (2005), há encontros com os corpos dos pacientes em que a pulsionalidade envolvida é de baixa carga, marcando a prevalência da linguagem da ternura, em lugar da linguagem erótica e sua pulsionalidade de alta carga.

Sinais concretos, mínimos e essenciais de vitalidade

Ao longo dos anos de atendimento optei por falar pouco com seus pais. Essa foi uma estratégia para valorizar o vínculo direto com Antônio, diferenciando aquela terapia das outras, em que o casal fora muito convocado para o espaço de tratamento. Se, de modo geral, tenho dificuldade em estabelecer a justa medida de proximidade com os pais dos pacientes adolescentes, nesse caso isso se acentuou, pois era fácil ser inundado pelos comentários sobre seu comportamento fora das sessões. Antônio trazia notícias suficientes a respeito de suas notas, brigas em família e conflitos com colegas e autoridades escolares.

Em momentos mais tumultuados nosso setting era invadido por grandes atuações, e nomeadamente Antônio agia para que eu desistisse dele, desqualificando meu trabalho. Ao final do nosso primeiro ano juntos soube que ele tinha passado sem pegar qualquer recuperação na escola – um fato inédito, mas não relacionado com a terapia, frisou.

Encerrar cada atendimento produzia um estranho e mesmo comportamento sempre: ele interrompia imediatamente o que estivesse fazendo, se virava e ia embora sem qualquer despedida, cumprimento ou agradecimento. Era um corte seco, abrupto e intenso. Se há alguma vantagem nas repetições é o fato de elas facilitarem o reconhecimento de mínimas diferenças. Nos dias em que conseguíamos solucionar nossos conflitos de maneira mais tranquila ou quando os jogos tinham derivado para ações criativas e divertidas, a velocidade da saída era outra, o recolhimento dos seus pertences mais lento e até a espera pelo elevador permitia um olhar a mais em direção à porta onde eu estava. Um dia ele saiu conversando comigo enquanto caminhava de costas, fazendo a sessão durar um pouco mais. Esses eram sinais mínimos, concretos, de alguma movimentação psíquica em direção ao reconhecimento do outro e o surgimento de maiores áreas de contato saudáveis com a realidade externa. Passar de ano na escola marcava seu acesso a uma continuidade com os colegas e uma valorização de sua inteligência a despeito dos conflitos emocionais. Nesses casos, notar gestos minimamente gentis davam alento para insistir no tratamento, como se entrevíssemos pulsações de vitalidade psíquica construtivas.

Apresento tais sinais, por pueris que pareçam, para reconhecer seu valor na resiliência do analista quando trata casos difíceis, cuja demanda transferencial nos confronta com atuações, violências e desqualificações que

atacam o vínculo. Apresentar sessões em que o jogo tornou-se divertido também revela a passagem essencial de uma organização estruturada em regras para um ato criativo a dois, a brincadeira – essa forma sofisticada de fazermos psicanálise, tal como Winnicott (1975) descreveu a criação freudiana. Quando eu notava deixarmos as margens estreitas dos jogos para a inventividade compartilhada própria ao brincar, as esperanças analíticas eram renovadas. Cabia também me divertir nessas ocasiões, pois a alegria sentida junto ao paciente, fruto do encontro de nossas criatividade, beneficiava nosso vínculo, restituindo força a esse encontro tantas vezes atacado pela pulsionalidade destrutiva. Rir juntos nos unia e revigorava.

Em casos como esses, precisamos colaborar para passarmos do jogo à brincadeira, emprestando nosso psiquismo para fazer surgir em meio à regra um sentido novo, algo criado pela dupla. Inúmeras vezes esse empréstimo é uma prova nossa de que ainda nos mantemos vivos psiquicamente nas sessões, pensando, escutando e enunciando sons emocionais onde parece haver repetição e morte. Nem sempre a centelha viva é captada. Talvez raramente seja, mas insistimos nessa busca, uma vez que nosso método permite justamente isso. A atenção flutuante, que deixa surgir e toma em consideração, como ensinava Fabio Herrmann (1993), não sabe de antemão quando uma nova oportunidade de criação de sentido pode surgir. A qualquer instante uma oportunidade de contato e criação pode aparecer ou ser criada, cabendo a nós, com pacientes graves, soprar com mais força a centelha de sentido para que o outro possa capturá-la e conosco fazê-la crescer.

É um alento quando desenho uma nota musical, e das armas surgem histórias de rappers. É uma surpresa ver surgir o efêmero campeão de skate de dedo em minha sala de atendimento, ou então, melhor ainda, quando blocos de madeira transformam o pequeno engenheiro da infância em um orgulhoso construtor, cujo poder criativo dá nova face à pulsão destrutiva. No lugar da repetição, surge o orgulho inédito de bem construir para destruir com filme registrado e compartilhado. Isto é, ao fim, a conservação alcançada foi fruto da construção de uma cena, retornando à primeira impressão aqui registrada, de que Antônio tinha um grande poder de imaginação. Há o terror, mas não somente ele. Escutá-lo em outras chaves abriu essas oportunidades.

Trabalhar na transferência é operar no tempo longo do tratamento, o tempo no qual os efeitos analíticos modificam o destino de uma vida, ainda que não imediatamente estanquem a expressão sintomática (Herrmann, 2017). Nesse caminho, convém percebermos as construções feitas junto aos

pacientes (Freud, 1937/2018), as processualidades singulares e inerentes ao vínculo, pois isto, além de produzir complexidade onde antes havia concretude simbólica e escassez discursiva, aponta os elementos de contenção criados pela dupla para solucionar conflitos, além de atestar a vitalidade existente no encontro.

Também noto como manter um registro extenso, sincero e acurado das sessões colaborou para reconhecer as construções surgidas em meio ao caos de tantas atuações. Criar esse suporte simbólico para nós, registrando hipóteses compreensivas, aproximações teóricas e os efeitos emocionais sobre nosso psiquismo, também protege nossa capacidade de pensar e nosso interesse por bem atender o caso. Relatar permite também enredar o tratamento em uma processualidade registrada, objetiva e subjetiva, dando contorno àquilo que às vezes acreditamos não ter valor.

Por fim, um presente

Cabe encerrarmos contando como finalizamos os anos de atendimento. Antônio não queria mais ir ao consultório, e tanto eu quanto seus pais concordávamos em que esse seria o momento propício para isso. Ainda existiam conflitos familiares, e a escola tornara-se fácil intelectualmente, mas nem tanto socialmente. As expulsões não eram mais um destino. Eu também estava cansado e sentia que já tinha oferecido o que podia. Ele reconhecia isso.

No último mês combinado, faltando poucas sessões Antônio roubou um objeto do meu consultório. Um objeto de valor simbólico para mim e impossível de não ter sua ausência notada. Digamos que era um peso de papel disponível na mesa.

Precisei dizer a ele que queria meu objeto de volta, pois era importante para mim. Da negação da responsabilidade Antônio passou a dizer que sim, tinha pegado o objeto e não o devolveria. A última queda de braço, o último contato transgressor que pedia cuidado. Insisti sem pressionar. Era simples e não tínhamos grandes embates naquele momento. Três encontros antes da despedida apontei o óbvio irretorquível: era meu e eu o queria de volta.

No último atendimento ele vem ao consultório e fazemos uma breve retomada do quanto trabalhamos e vivemos juntos. Aos nos levantarmos, estendo a mão silenciosamente para ele, aguardando. Ele não diz nada, abre a mochila e me devolve o objeto. Eu agradeço e vejo como ele estava bem cuidado, mesmo sendo um tanto frágil. Temi que ele o destruísse,

obviamente, mas foi um reconforto vê-lo íntegro e nas minhas mãos. Era meu e, agora, com carinho, eu dava a ele para que o levasse. Nos abraçamos e encerramos, com uma saída rápida, bem ao seu modo.

Não sei ao certo os efeitos do meu trabalho sobre o psiquismo de Antônio, nem como permaneci em sua história. Não sei se fui mineralizado, perdido ou sigo vivo como o objeto dado a ele. Alguns anos depois encontrei seu pai e tive boas notícias a seu respeito. Ele estava bem e ainda hoje torço por seu destino.

Invenções analíticas

Resumen: Este trabajo comienza con la atención de un paciente no neurótico, un paciente difícil que, por su cuadro clínico marcado por acciones agresivas, requirió flexibilizar el setting analítico estándar. El mayor interés es describir la gestión clínica realizada, así como las dudas, debilidades y creaciones que surgieron a lo largo de los años trabajados. La atención a los gestos mínimos de vitalidad psíquica, la supervivencia de la transferencia agresiva, así como el humor y la sana transición del juego a la capacidad de jugar, constituyeron recursos necesarios para el manejo del caso y el mantenimiento de un vínculo capaz de inventar nuevas formas de contener la destructividad. Finalmente, se destaca cómo la clínica de casos graves termina ampliando nuestras posibilidades de trabajo, ayudando a formar analistas creativos, orientados metodológicamente y comprometidos con sus pacientes.

Palabras clave: pacientes no neuróticos, casos límite, manejo clínico

Analytical inventions

Abstract: This work begins with the care of a non-neurotic patient, a difficult patient who, due to his clinical condition marked by aggressive actions, required making the standard analytical setting more flexible. The greatest interest is in describing the clinical management carried out, as well as the doubts, weaknesses and creations that emerged over the years worked. Attention to minimal gestures of psychic vitality, survival of aggressive transference, as well as humor and the healthy transition from games to the ability to play, constituted necessary resources for managing the case and maintaining a bond capable of inventing new ways of containing destructiveness. Finally, it is highlighted how the serious cases clinic ends up expanding our work possibilities, helping to train creative analysts, methodologically oriented and committed to their patients.

Keywords: non-neurotic patients, borderline cases, clinical management
Invenções analíticas

Résumé : Ce travail débute par la prise en charge d'un patient non névrotique, un patient difficile qui, en raison de son état clinique marqué par des gestes agressifs, nécessitait d'assouplir le cadre analytique standard. Le plus grand intérêt est de décrire la prise en charge clinique réalisée, ainsi que les doutes, faiblesses et créations qui ont émergé au fil des années de travail. L'attention portée aux gestes minimaux de vitalité psychique, à la survie du transfert agressif, ainsi qu'à l'humour et à la saine transition du jeu à la capacité de jouer ont constitué des ressources nécessaires pour gérer le cas et maintenir un lien capable d'inventer de nouvelles façons de contenir la destructivité. Enfin, il est souligné comment la clinique des cas graves finit par élargir nos possibilités de travail, en aidant à former des analystes créatifs, orientés méthodologiquement et engagés envers leurs patients.

Mots-clés : patients non névrotiques, cas limites, gestion clinique

Referências

- Ab'Sáber, T. A. M. (2005). *O sonhar restaurado: formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud*. Editora 34.
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. Martins Fontes.
- Freud, S. (2018). Construções em análise. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 19). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Imago.
- Herrmann, F. (1993). *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação* (2ª ed.). Brasiliense.
- Herrmann, F. (2017). Os três tempos da análise. In F. Herrmann, *Sobre os fundamentos da psicanálise: quatro cursos e um preâmbulo*. Blucher.
- Minerbo, M. (2009). *Neurose e não-neurose*. Casa do Psicólogo.
- Roussillon, R. (2013). Teoria da simbolização: a simbolização primária. In B. B. Saviotto, L. C. M. Figueiredo & O. Souza (Orgs.), *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. Escuta.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Imago.
- Winnicott, D. W. (2000). O ódio na contratransferência. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Imago.

Ricardo Gomides
 ricardogst@hotmail.com

Recebido em: 12/8/2024

Aceito em: 4/10/2024